Dia 25 — A Anunciação da Santíssima Virgem

O mistério da encarnação, que se cumpriu no mesmo instante em que o anjo o anunciou à santíssima Virgem e esta Senhora deu seu consentimento, deve considerar-se como o princípio de todos os nossos mistérios, como o fundamento de nossa religião, como a base de nossa fé, como a obra-prima do Onipotente, a origem de nossa ventura e o mistério por excelência da bondade e amor de Deus para com os homens; autorizado pelo Espírito Santo, admirado dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e sublimado à glória: *Magnum pietatis sacramentum, quod manifestatum est in carne, creditum est in mundo, assumptum est in gloria* [^1]. E porque a felicíssima embaixada que o arcanjo São Gabriel levou à santíssima Virgem do mistério da encarnação é, em todo o rigor, o sinal mais sensível e a primeira época de nossa religião, por isso explica a Igreja com o título de Anunciação todos os mistérios que nela se compreendem.

Tendo chegado enfim o ditoso momento destinado desde a eternidade para fazer-se a reconciliação dos homens com Deus, aquele mesmo arcanjo Gabriel que quatrocentos anos antes havia declarado ao profeta Daniel o nascimento e a morte do Messias, e aquele mesmo também que seis meses antes havia anunciado a Zacarias o nascimento do que havia de ser o Precursor, foi enviado a uma terna donzela chamada Maria, da tribo de Judá e de sangue real, pois era descendente da casa de Davi.

Aquele Senhor que a havia escolhido para mãe do Messias a havia prevenido no primeiro instante de sua concepção com todos os dons celestiais e com uma plenitude de graça tão assombrosa que era o pasmo do céu, como dizem os padres, e excedia em méritos e em santidade as mais perfeitas criaturas.

Embora por uma rara virtude, até então sem exemplo, houvesse consagrado a Deus com voto sua virgindade, com tudo isso quis a divina sabedoria que se desposasse com um varão justo chamado José, da mesma casa de Davi, para que fosse guarda de sua honra, testemunha e protetor de sua pureza, tutor e pai putativo do filho que havia de nascer dela só.

Vivia esta donzela em Nazaré, pequena cidade da Galileia. Aqui foi onde o arcanjo São Gabriel lhe apareceu, em tempo, diz São Bernardo, em que, retirada da vista e comércio das criaturas, se dedicava inteiramente a seu Deus em contemplação muito elevada. Cheio de respeito e veneração o celestial paraninfo à vista da que considerava já como rainha e soberana sua, saudou-a desta maneira: Deus te salve, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita tu és entre todas as mulheres: saudação que compreendia o mais pomposo e mais magnífico elogio que podia dar-se a uma pura criatura; porque era assegurar-lhe que estava cheia de todos os dons do Espírito Santo, que possuía todas as virtudes em supremo grau, que estava cumulada de bênçãos e que era ela a

criatura mais agradável aos olhos de Deus que havia no céu e na terra.

A repentina vista de um anjo em figura de homem causou no princípio alguma turbação à puríssima donzela. Encheu-se seu virginal rosto de um vergonhoso rubor e seu coração de sobressalto; o que, advertido pelo anjo, sossegou-a dizendo-lhe: Não temas, Maria, porque achaste graça aos olhos de Deus. Este Senhor quer que sejas mãe de um filho, mas sem detrimento de tua virginal pureza; conceberás em tuas entranhas, darás à luz e o chamarás Jesus. Será por todos os títulos grande; e as maravilhas que obrará o farão reconhecer por filho do Altíssimo; e, como filho teu, descenderá de Davi, posto que tu és de seu sangue real. Mas não ascenderá ao trono por direito de sucessão; porque a soberania lhe é devida por outros títulos muito diferentes. Como filho de Deus dominará sobre os povos de todo o universo, embora sua coroa não seja como a dos reis da terra. Fundará uma nova monarquia. Na Igreja de Deus vivo, nesta misteriosa casa de Jacó, reinará sem sucessor, posto que o império deste grande monarca não reconhecerá mais limites em sua extensão que os de todo o universo, nem mais termos em sua duração que os da eternidade mesma.

Fáceis são de conceber os primeiros movimentos daquele coração humildíssimo, daquela virgem a mais humilde de todas as criaturas. Não podia compreender que Deus houvesse posto os olhos nela para cumprimento de tão alto e tão assombroso mistério. Por outra parte, assustava-a muito o título de mãe, apreciando tanto o de virgem. Isto a obrigou a perguntar como podia ser o que o anjo lhe dizia, não havendo conhecido até então homem algum e estando resolvida a não conhecer jamais. Pergunta, diz Santo Agostinho, que não faria a puríssima donzela se não houvesse feito voto de perpétua castidade: *Quod profecto non diceret, nisi virginem se ante vovisset* [^2].

Para sossegá-la e satisfazê-la, o anjo declarou-lhe que só Deus seria pai do filho de quem ela havia de ser mãe; que conceberia pelo Espírito Santo, o qual, sendo a virtude do Altíssimo, formaria milagrosamente o fruto que havia de nascer de suas entranhas, tornando mais pura sua virgindade; e enfim que o filho que havia de dar à luz se chamaria e seria verdadeiramente filho de Deus, em quem residiria corporalmente toda a plenitude da divindade, todos os tesouros da santidade e da sabedoria divina. Sabe, acrescentou, a maravilha que Deus acaba de obrar em favor de tua prima Isabel, a qual em sua avançada idade não podia já esperar ter filhos naturalmente e com tudo isso está grávida de seis meses. Nada é impossível ao Todo-Poderoso, e o que pôde dar um filho a uma anciã depois de tantos anos de esterilidade também poderá fazer mãe uma virgem.

Enquanto falava o anjo, sentiu-se Maria iluminada de uma luz sobrenatural, com a qual compreendeu toda a economia e todos os milagres daquele inefável mistério; e, aniquilando-se diante de Deus: Eis aqui, disse, a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra. Neste momento feliz desapareceu o anjo; e o Espírito Santo formou com o puríssimo sangue da santíssima Virgem um formosíssimo corpo; e, tendo criado ao mesmo tempo a mais perfeita alma que houve jamais, Deus uniu o corpo e a alma substancialmente à pessoa do Verbo, *et Verbum caro factum est* [^3], e o Verbo por meio desta união se fez carne. No mesmo ponto todos os anjos adoraram o homem Deus; no mesmo ponto converteu-se em templo do Verbo encarnado o ventre da mais pura entre todas as virgens; e no mesmo ponto cumpriram-se todas as profecias que anunciavam a vinda do Messias: *Hodie Davidicum est impletum oraculum*, diz São Gregório de

Neocesareia [^4]; então se verificou o oráculo de Davi: *Gaudebunt campi, et exultabunt omnia ligna silvarum a facie Domini, quoniam venit*: saltará de gozo a natureza, porque o homem Deus se deixou ver no mundo. *Hodie qui est, gignitur*, diz São João Crisóstomo [^5]: neste dia foi concebido no tempo o que é antes de todos os séculos; e, embora essencialmente imutável, começou a ser o que não era, fazendo-se homem, mas sem perder nada do que antes era sendo Deus: *Qui est, fit id quod non erat. Nec cum Deitatis jactura factus est homo.* Neste dia, diz o sábio e piedoso Gerson, foram ouvidos os ardentes desejos de tantos santos patriarcas que suspiravam pela vinda do Messias: *Hodie completa sunt omnia desideria.* Esta é a principal festa da santíssima Trindade, não havendo outro dia em que tivesse obrado iguais maravilhas: *Hodie primum est et principale totius Trinitatis festum.* Quantos mistérios se incluem num só, e quantos prodígios neste só mistério! Em Jesus Cristo, um homem Deus; em Maria, uma virgem mãe de Deus; e em nós, em cujo benefício se fizeram todas estas maravilhas, uns filhos legítimos de Deus.

Sim, caríssimos irmãos, dizia Santo Agostinho: *Talis fuit ista susceptio, quæ Deum hominem faceret, et hominem Deum* [^6]: tal foi o efeito da encarnação que, em virtude dela e na pessoa de Cristo, o homem se elevou a ser Deus e Deus se abateu até a forma de homem. Um Deus verdadeiro homem e um homem verdadeiro Deus. As duas naturezas, divina e humana, unidas numa mesma pessoa; mas fazendo-se esta união de pessoa sem confusão de naturezas. O Verbo se fez carne; e por esta união real e substancial do Verbo com a humanidade fez próprias suas todas as misérias naturais do homem, começando também o homem a ser participante de todas as grandezas de Deus. Mistério inefável, em cuja presença se deve render todo entendimento criado; porque, como diz São João Crisóstomo, não há que perguntar com que virtude nem de que maneira pôde a natureza humana ser sublimada pelo Verbo eterno a união tão nobre, a estreiteza tão inexplicável: *Neque hic quæritur quomodo hoc factum sit aut fieri potuerit* [^7]. A ordem da natureza cede a tudo o que quer Deus: *Ubi enim Deus vult, ibi naturæ ordo cedit.* Quis Deus fazer-se homem, pôde fazê-lo, fê-lo e salvou os homens: *Voluit, potuit, descendit, salvavit.* Oh, que inesgotável fundo de piedosas reflexões e de afetos de admiração, de amor e de reconhecimento se compreende neste inefável mistério!

Mas, se o assombroso abatimento do Verbo, dizem os padres, é assunto tão grande de admiração, a sublime elevação de Maria à dignidade augusta de mãe de Deus não inclui nem descobre inferiores maravilhas. Uma virgem que concebe no tempo aquele mesmo filho que Deus gerou antes de todos os séculos na eternidade; Maria feita mãe de Deus em sentido próprio, natural e rigoroso; e, por esta divina maternidade, Maria, diz São Bernardo, com autoridade sobre Deus e Deus com subordinação a Maria: *Utrinque miraculum.* Dois grandes prodígios: um Deus com todas as obrigações de um filho para com sua mãe; e Maria em posse, a respeito de Deus, de todos os direitos de uma mãe para com seu filho e de todos os bens, por dizê-lo assim, deste mesmo filho. Depois disto, não há que admirar-nos de que diga Santo Agostinho que entre todas as puras criaturas nenhuma é igual a Maria. *Taceat, et contremiscat omnis creatura*, exclama o célebre São Pedro Damião, *et vix audeat aspicere ad tantæ dignitatis immensitatem* [^8]: cale-se, possuída de um respeitoso temor, toda criatura à vista de uma imensa dignidade que não pode compreender. Nem há que ter medo, acrescenta o sábio chanceler de Paris, de exceder ou de dizer demais quando se exaltam as grandezas de Maria; porque, enriquecida com os bens de seu filho e só inferior a Deus, é superior aos elogios dos anjos e dos homens. *Quidquid humanis potest dici verbis, minus est a laude Virginis* [^9].

Não deve causar-nos admiração este unânime concerto dos santos padres em publicar as inefáveis prerrogativas da Mãe de Deus no dia de sua gloriosa Anunciação, porque a divina maternidade, de que tomou posse neste dia, inclui em si todos os elogios. *Hoc solum de beata Virgine prædicare, quod Dei Mater est, excedit omnem altitudinem quæ post Deum dici et cogitari potest*, diz Santo Anselmo: só com dizer que Maria é mãe de Deus, exalta-se-a além de todas as grandezas que se podem dizer ou imaginar abaixo de Deus. Esta é a origem e como o título radical de todos os privilégios de que goza. Daqui dimanou aquela concepção sem mancha, aquela virgindade sem exemplo, aquela universalidade de virtudes sem limitação; daqui os magníficos, os doces títulos de rainha do céu e da terra, de mãe de misericórdia, de amparo dos pecadores. Tributai a Maria, escreve São Bernardo aos cônegos de Lyon, tributai a Maria os louvores que de justiça lhe são devidos. Dizei que para si e para nós achou a fonte da graça; publicai que é a medianeira da salvação e a restauradora dos séculos; porque isto é o que toda a Igreja publica: *Magnifica gratiæ inventricem, mediatricem salutis, restauratricem sæculorum: hæc mihi de illa cantat Ecclesia* [^10].

Logo que foi mãe de Deus, diz São Lourenço Justiniano, começou a ser escada do paraíso, porta do céu, advogada do mundo e medianeira entre Deus e os homens: *Paradisi scala, cœli janua, interventrix mundi, Dei atque hominum verissima mediatrix* [^11].

Há apóstolos, há patriarcas, há profetas, há mártires, há confessores, há virgens; todos estes são sem dúvida poderosos intercessores junto a Deus, e eu conto na realidade muito com sua poderosa intercessão; mas, Virgem santa, exclama o devotíssimo Anselmo, o que todos estes podem juntos contigo, tu só o podes sem eles: *Quod possunt omnes isti tecum, tu sola potes sine illis omnibus* [^12]. E por que podes tu só tanto e mais que todos juntos? *Quare hoc potes?* Porque és mãe de nosso Salvador, esposa do mesmo Deus, rainha do céu e da terra e soberana imperatriz de todo o universo: *Quia mater Salvatoris nostri, sponsa Dei, regina cæli et terræ, et omnium elementorum.* Enquanto tu não falas em meu favor, ninguém se atreve a advogar por mim: *Te tacente, nullus orabit, nullus juvabit.* Mas, logo que te declaras por minha causa, terei tantos advogados quantos cortesãos celestiais: *Te orante, omnes orabunt, omnes juvabunt.*

Quantas vezes, diz o célebre abade de Celle, deveram à clemência da Mãe a graça de sua conversão aqueles a quem a justiça do Filho estava já para condenar ao fogo eterno! *Sæpe quos justitia Filii potest damnare, Matris misericordia liberat.* Pois que confiança não devemos ter naquela Senhora que, pelo mesmo fato de ser Mãe de Deus, foi declarada tesoureira geral de suas graças, depositando, por dizê-lo assim, em suas mãos nossa salvação? *Thesauraria gratiarum ipsius; salus nostra in manu illius est.*

Este foi o ditame geral de todos os padres a respeito da Mãe de Deus; esta em todos os tempos a fé da Igreja. Somente os hereges jamais puderam tolerar que se lhe renda o religioso culto que se lhe deve. Não teve inimigo o Filho que não o fosse da Mãe. Tendo sido ela a que pisou a cabeça do dragão, não é de admirar que tenha sido sempre tão aborrecida por ele; e, sendo o mistério da encarnação o fundamento da fé, não há blasfêmia que não tenha vomitado o inferno contra este divino mistério.

Os arianos negavam a divindade do Verbo; os nestorianos, a união substancial do Verbo com a carne, admitindo em Cristo duas pessoas; os eutiquianos reconheciam nele uma só natureza; os monotelitas, uma só vontade; e os marcionitas, um corpo fantástico. Todos estes tiros empeçonhados iam de ricochete dar contra o augusto título de Mãe de Deus em Maria. Fulminou raios a Igreja em seus concílios contra estes ímpios erros e anatematizou os hereges, entre os quais nenhum se declarou com maior furor contra a divina maternidade da Virgem que o ímpio Nestório. Arrebatado do espírito de orgulho, este indigno patriarca de Constantinopla atreveu-se descaradamente a disputar a Maria o augusto título de Mãe de Deus; mas, para dourar de alguma maneira ou para adoçar a blasfêmia de seu erro, concedeu à Senhora os mais especiosos ditados que pôde discorrer, com exceção do de *Theotokos*, ou Mãe de Deus, que é como o fundamento e a base de todos os demais. Reconhecendo a Igreja que negar esta indisputável excelência à Virgem era lançar por terra o mistério da encarnação, tomou a defesa deste essencialíssimo ponto com todo o ardor e todo o empenho que correspondia a seu zelo. Convocou o célebre concílio efésino no ano 431, em que Nestório foi excomungado e degradado, seus erros condenados, ficando definido como um dos principais artigos de fé que Maria é verdadeira mãe de Deus em sentido natural e rigoroso; sem que este dogma, tão antigo como a Igreja mesma, pudesse padecer interpretação maligna, declarando-se que o termo *Theotokos* seria tão consagrado e tão característico contra a heresia de Nestório como o era já o de *Consubstancial* contra os erros de Ário. Não se pode imaginar o aplauso e regozijo com que foi recebida esta definição da Igreja universal em glória da santíssima Virgem, e é razão não omitir aqui as demonstrações que se fizeram em Éfeso no dia em que se publicou.

Chegado, pois, o dia que se havia assinalado para pronunciar definitivamente sobre a divina maternidade de Maria, todo o povo deixou as casas, ocupou as ruas, encheu as praças públicas e concorreu a cercar a igreja dedicada a Deus em honra da Virgem, onde estavam congregados os padres do concílio. Logo que se publicou a decisão, chegando-se a entender que Maria ficava mantida na justa posse do título de Mãe de Deus, ressoaram em toda a cidade festivas aclamações e gritos extraordinários de uma devotíssima alegria; sendo tão vivas e tão universais estas demonstrações de gozo que, ao sair os padres da igreja para retirar-se a suas casas, todo o povo os conduziu como em triunfo, cumulando-os de bênçãos. Queimavam-se pastilhas e outros aromáticos perfumes nas ruas por onde haviam de passar; brilhavam no ar festivas luminárias, sem que faltasse circunstância alguma à pompa do regozijo comum nem ao esplendor da gloriosa vitória que Maria acabava de conseguir de seus inimigos, que não o eram menos de seu santíssimo Filho. Tanta verdade é, como diz São Boaventura, que a devota ternura, o religioso culto da Mãe de Deus, em todo tempo foram comuns a todos os verdadeiros cristãos. Nasceu com a Igreja a devoção a Maria, e sempre foi reputada como sinal visível de predestinação: *Qui acquirunt gratiam Mariæ, agnoscentur a civibus paradisi; et qui habuerit hunc characterem, annotabitur in libro vitæ* [^13]. Nem é esta, acrescenta São Bernardo, uma confiança presunçosa que fomente o relaxamento; é um religioso culto, é uma piedosa esperança, fundada na proteção da Mãe de Deus, mas sustentada por uma vida regular, timorata e cristã. O desgraçado fim do ímpio Nestório foi funesto anúncio do que devem esperar todos os que se declaram inimigos da santíssima Virgem.

Crê-se comumente que foi neste concílio efésino que São Cirilo, que o presidiu em nome de São Celestino papa, compôs, juntamente com os demais padres, aquela devota oração à Mãe de Deus

que depois adotou a santa Igreja: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém. Jesus [^14].

Em todos os tempos foi muito célebre na Igreja a festa da Anunciação. Quando vivia Santo Agostinho, estava já assinalado para ela o dia 25 de março, no qual, diz este padre, crê-se por antiga e venerável tradição que foi concebido e morreu nosso divino Redentor: *Sicut a majoribus traditum suscipiens Ecclesiæ custodit auctoritas, octavo kalendas Aprilis conceptus creditur quo et passus.*

O décimo concílio toledano, celebrado no ano de 656 [^15], chama à solenidade deste dia a festa por excelência da Mãe de Deus, a grande festa da Virgem: *Festum sanctæ Virginis Genitricis Dei, festivitas Matris.* Porque, que outra festa maior da Mãe de Deus, dizem os padres, que a encarnação do Verbo? *Nam quod festum est Matris, nisi incarnatio Verbi?* Por ser incompatível o luto que arrasta a Igreja em tempo de paixão e de penitência, em que por via de regra cai a Anunciação, com a alegria e a solenidade que convinha a este mistério, os padres do referido concílio trasladaram sua festa ao tempo do advento, em que o ofício divino é quase todo da Anunciação e da encarnação do Verbo. A santa igreja de Toledo a fixou no dia 18 de dezembro, e a de Milão no domingo que precede imediatamente à festa do Natal. Mas, tendo-a restituído a igreja romana a seu próprio dia pelo século nono, quase todas as demais igrejas se conformaram com ela, embora nem por isso deixasse de celebrar a maior parte delas uma festa particular em honra da santíssima Virgem no dia 18 de dezembro, com o título da Expectação.

Até na Inglaterra, não obstante o funesto cisma, observa-se hoje a festa da Anunciação, sendo uma das de preceito, celebrando-se com jejum, vigília, ofício público e uma coleta particular. Por este dia começa a contar seu ano eclesiástico.

São muitas as ordens religiosas que se honram com o distintivo da Anunciação de Maria. O célebre e piedoso instituto dos servitas ou servos da Virgem, que principiou em Florença pelos anos de 1232 e que no espaço de cinco séculos tem dado tão grandes santos ao céu e tão grandes homens à Igreja, foi instituído com o título da Anunciada ou Anunciação; não havendo outro mais oportuno para uma ordem singularmente dedicada a servir e honrar a Virgem que o que significa aquele feliz momento em que foi feita mãe de Deus.

Na França e na Itália há religiosas com o mesmo nome, que se chamam também as celestes ou as monjas azuis, porque andam vestidas desta cor. O total esquecimento do mundo, junto com o profundo silêncio, retiro e solidão que professam, contribui muito para fomentar nelas aquele espírito interior que reina nesta santa ordem, tornando-a muito digna do título da Anunciada ou Anunciação com que se honra.

No ano de 1460, o cardeal João de Torquemada fundou em Roma, na igreja da Minerva, uma piedosa congregação ou confraria com o título da Anunciação, para casar donzelas pobres e para dar dotes às que querem ser religiosas; tendo crescido tanto as rendas desta arquiconfraria, assim pela liberalidade dos papas como por muitos legados pios que lhe têm deixado, que cada ano dá estado a quatrocentas donzelas, indo o mesmo papa em pessoa, com todo o aparato que se costuma quando sai de cerimônia, distribuir as cédulas de dotes no dia 25 de março.

No ano de 1639, a ilustre madre Joana Chézard de Matel fundou em Avinhão, com aprovação da sé apostólica, a religião do Verbo Encarnado, cujo principal fim é honrar continuamente, com terna devoção e caridade ardente, este divino Verbo feito carne nas entranhas da mais pura e mais santa entre todas as virgens; dispondo-lhe castas esposas por meio da piedosa e admirável educação que, segundo seu instituto, dão às mocinhas tenras a quem Deus chama pelo caminho da religião: podendo-se assegurar que o fervor e o religioso porte com que edificam a todos sustentam com esplendor o augusto título que as distingue e lhes merecem o renome de verdadeiras filhas do divino Verbo Encarnado.

Amadeu VIII, duque de Saboia, mudou no ano de 1435 a ordem militar do Laço de Amor na da Anunciada, mandando que, em lugar da imagem de São Maurício, os cavaleiros levassem a da santíssima Virgem e, em vez dos laços de amor, uns cordõezinhos com as palavras da saudação angélica; o que mostra bem não haver no mundo cristão estado algum que não professe singular veneração a este mistério, o primeiro de todos, o princípio e origem de nossa ventura.

O mesmo espírito de devoção e de reconhecimento moveu o papa Urbano II, no ano de 1095, a ordenar no concílio de Clermont, onde presidiu em pessoa, que os clérigos rezassem o ofício parvo de Nossa Senhora, introduzido já entre os monges por São Pedro Damião; e que três vezes ao dia, pela manhã, ao meio-dia e à noite, se tocasse à oração que vulgarmente se chama a Ave-Maria e em outro tempo se chamava o perdão, pelas grandes indulgências que concederam a quantos a rezassem três vezes ao dia os papas João XXII, Calisto III, Paulo V, Alexandre VII, Clemente X e outros soberanos pontífices.

Martirológio Romano

A Anunciação da santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus.

Em Roma, São Quirino, mártir, o qual no tempo do imperador Cláudio, depois de haver sido despojado de seus bens e encerrado num asqueroso cárcere e atormentado cruelmente a força de açoites, foi degolado e lançado no Tibre. Depois, tendo-o achado os cristãos na ilha Licaônia, o enterraram no cemitério de Pôncio.

Ali mesmo, duzentos e sessenta e dois mártires.

Em Sírmio, a paixão de Santo Irineu, bispo e mártir, o qual, no tempo do imperador Maximiano, sendo presidente Probo, primeiramente foi molestado com muito cruéis martírios, depois atormentado também por espaço de muitos dias no cárcere e por último, cortando-lhe a cabeça, acabou sua vida.

Em Nicomédia, Santa Dula, escrava de um soldado, a qual, tendo perdido a vida por conservar a castidade, mereceu a coroa do martírio.

Em Jerusalém, a comemoração do santo Ladrão, que, confessando Jesus Cristo na cruz, mereceu ouvir de sua boca: Hoje serás comigo no paraíso.

Em Laodiceia, São Pelágio, bispo, o qual, tendo padecido no tempo de Valente desterro e outros trabalhos por defender a fé católica, morreu no Senhor.

Em Pistoia, os santos confessores Baroncio e Desidério.

Em Andro, ilha do rio Loire, Santo Ermelando, abade, cuja gloriosa vida tornaram recomendável seus grandes milagres.

Missa (oração)

A missa é da festa, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, qui de beatæ Mariæ Virginis utero Verbum tuum, angelo nuntiante, carnem suscipere voluisti: præsta supplicibus tuis, ut qui vere eam genitricem Dei credimus, ejus apud te intercessionibus adjuvemur. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que quisestes que o Verbo tomasse carne nas entranhas da santíssima Virgem, logo que o anjo lhe anunciou o mistério, concedei-nos, por seus rogos, que, assim como firmemente a cremos verdadeira mãe de Deus, assim também nos favoreça junto de vós com sua soberana intercessão. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 7 do profeta Isaías.

Isaías 7,10-15

> **Latim:** [10] Et adjecit Dominus loqui ad Achaz, dicens : [11] Pete tibi signum a Domino Deo tuo, in profundum inferni, sive in excelsum supra. [12] Et dixit Achaz : Non petam, et non tentabo Dominum. [13] Et dixit : Audite ergo, domus David. Numquid parum vobis est molestos esse hominibus, quia molesti estis et Deo meo ? [14] Propter hoc dabit Dominus ipse vobis signum : ecce virgo concipiet, et pariet filium, et vocabitur nomen ejus Emmanuel. [15] Butyrum et mel comedet, ut

> sciat reprobare malum, et eligere bonum.

Português: [10] E continuou o Senhor a fallar com Accaz, dizendo: [11] Pede para ti ao Senhor teu Deos algum sinal, que chegue ao profundo do inferno, ou ao mais alto do ceo. [12] E disse Accaz: Não pedirei tal, nem tentarei ao Senhor. [13] E disse: Ouvi pois casa de David: Por ventura não vos basta ser molestos aos homens, senão que tendes ainda animo de tambem o serdes a meu Deos? [14] Pois por isso o mesmo Senhor vos dará este sinal. Eis-que huma Virgem conceberá, e parirá hum filho, e será chamado o seu nome Emmanuel. [15] Elle comerá manteiga e mel, até que saiba rejeitar o mal, e escolher o bem.

Nota

«O profeta Isaías era príncipe do sangue real da casa de Davi, como filho de Amós, que foi irmão de Amazias, rei de Judá. Começou a profetizar para o fim do reinado de Ozias, cerca de oitocentos anos antes do nascimento de Cristo, e continuou pelo reinado de seus sucessores Joatão, Acaz e Ezequias; de sorte que profetizou por espaço de quase um século inteiro. Predisse todos os mistérios do Salvador: sua milagrosa concepção, seu nascimento de uma mãe virgem, as maravilhas de sua vida, a ignomínia de sua morte, a glória de sua ressurreição; e tudo de um modo tão preciso e tão claro que com muita razão dizia São Jerônimo que o considerava como evangelista e como apóstolo de Jesus Cristo.»

Reflexões

Falou o Senhor a Acaz: *Locutus est Dominus ad Achaz.* Bem podem nossas culpas acender a ira de Deus; mas não poderão apagar sua misericórdia. Era Acaz um rei ímpio. Suas maldades haviam acarretado a todo o seu reino grandes e rigorosos açoites. Viam-se desoladas todas as suas províncias por seus inimigos, mortos a suas mãos mais de cento e vinte mil homens e feitos prisioneiros mais de duzentos mil. Mas tantas calamidades não haviam sido bastantes para converter o monarca: haviam-no abatido, mas não o haviam feito nem mais humilde nem menos irreligioso. Reduzido já às últimas extremidades, exorta-o o profeta a que recorra a Deus e coloque nele toda a sua confiança. Resiste o desditoso rei; e a misericórdia de Deus toma ocasião, por dizê-lo assim, de sua pouca fé para dar a seu povo novas mostras de sua bondade. Precisamente no tempo em que tudo era desolação e em que parecia haver Deus esquecido e reprovado seu povo, então lhe renovou a promessa que já lhe tinha feito de enviar-lhe o Salvador, dando-lhe o sinal mais singular e mais claro que se podia pedir ou desejar. Oh, quanta verdade é que Deus não se esquece de que é pai, por mais que o irrite a rebeldia de seus filhos! Quanta verdade é que se lembra de sua misericórdia, ainda quando está mais acesa sua ira! *Cum iratus fueris, misericordiæ recordaberis* [^16]. Conceberá uma virgem e parirá um filho que se chamará Emanuel, isto é, Deus

conosco. Prodígio singular e inefável, prognosticado oitocentos anos antes que sucedesse. Sucedeu enfim este prodígio. A resposta de Maria ao anjo, a admiração de José quando advertiu a gravidez de sua esposa, tudo convence concludentemente da virgindade daquela mãe milagrosa. Concebeu Maria e pariu a Deus feito homem. *In terris visus est, et cum hominibus conversatus est* [^17]: deixou-se ver na terra e conversou com os homens. Pede agora outro maior milagre no céu ou na terra para confirmar-te na fé. E não seria muito maior milagre se faltasses na fé depois de haver visto este grande prodígio? São desditosos os infiéis, são bem dignos de compaixão os judeus; mas os hereges serão menos rigorosamente castigados? E os cristãos dissolutos e ímpios que profanam sua fé com a desordem de seus costumes e desacreditam sua religião com suas obras serão porventura menos infelizes?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São Lucas, o mesmo do dia 18.

Lucas 1,26-38

> **Latim:** 26 In mense autem sexto, missus est angelus Gabriel a Deo in civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth, 27 ad virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David : et nomen virginis Maria. 28 Et ingressus angelus ad eam dixit : Ave gratia plena : Dominus tecum : benedicta tu in mulieribus. 29 Quæ cum audisset, turbata est in sermone ejus, et cogitabat qualis esset ista salutatio. 30 Et ait angelus ei : Ne timeas, Maria : invenisti enim gratiam apud Deum. 31 Ecce concipies in utero, et paries filium, et vocabis nomen ejus Jesum : 32 hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur, et dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus : et regnabit in domo Jacob in æternum, 33 et regni ejus non erit finis. 34 Dixit autem Maria ad angelum : Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco ? 35 Et respondens angelus dixit ei : Spiritus Sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei. 36 Et ecce Elisabeth cognata tua, et ipsa concepit filium in senectute sua : et hic mensis sextus est illi, quæ vocatur sterilis : 37 quia non erit impossibile apud Deum omne verbum. 38 Dixit autem Maria : Ecce ancilla Domini : fiat mihi secundum verbum tuum. Et discessit ab illa angelus.

Português: 26 E estando Isabel no sexto mez, foi enviado por Deos o anjo Gabriel a huma cidade de Galiléa, chamada Nazareth, 27 a huma virgem desposada com hum varão, que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. 28 Entrando pois o anjo onde ella estava, disse-lhe: Deos te salve, cheia de graça: o Senhor he comtigo: Benta és tu entre as mulheres. 29 Ella como o ouvio, turbou-se do seu fallar, e discorria pensativa, que saudação seria esta. 30 Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deos: 31 cis conceberás no teu

ventre, e parirás hum filho, e pôr-lhe-has o nome de JESUS: [32] este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deos lhe dará o trono de seu pai David: e reinará eternamente na casa de Jacob, [33] e o seu reino não terá fim. [34] E disse Maria ao anjo: Como se fará isso: pois eu não conheço varão? [35] E respondendo o anjo, lhe disse: O Espírito Santo descera sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo, que ha de nascer de ti, será chamado Filho de Deos. [36] Que, ahi tens tu a Isabel tua parenta, que até concebeu hum filho na sua velhice: e este he o sexto mez da que se diz esteril: [37] porque a Deos nada he impossivel. [38] Então disse Maria: Eis-aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim, segundo a tua palavra. E o anjo se apartou d'ella.

Meditação

Sobre o mistério da encarnação

Primeiro ponto

Considera se podia Deus levar mais longe o amor que professa aos homens do que fazendo-se homem para acreditar com testemunho mais sensível o excesso de seu amor.

Falemos claro: se Deus tivesse deixado à nossa escolha que lhe pedíssemos uma prova visível e convincente do muito que nos amava, *pete tibi signum* [^18], teria passado por nosso pensamento pedir-lhe uma semelhante? Teríamos sonhado em pretender que Deus se fizesse homem e que, fazendo-se em tudo semelhante aos homens, tomasse sobre si todas as nossas misérias, com exceção do pecado, para compadecer-se depois mais de nossas necessidades? Pois este prodígio, que jamais nos atreveríamos a pedir nem ainda a imaginar; esta maravilha, que o entendimento humano qualificaria de extravagância; este milagre foi o que obrou a Sabedoria divina para manifestar-nos o excesso com que nos amava. Estamos bem convencidos deste excesso de seu amor? E qual é nosso reconhecimento?

Que interessava ao Senhor em nossa redenção? Que ia ganhar em fazer-se semelhante a nós para que fôssemos participantes de sua glória? Ignorava porventura que ia desperdiçar seus imensos benefícios em uns homens ingratos? Não sabia bem que, por mais que lhe custasse, por mais amor que nos mostrasse, por mais exemplos que nos desse, o mundo sempre havia de ser seu implacável inimigo, sempre havia de estar atestado de ímpios e de dissolutos? E com tudo isso, nenhuma coisa foi bastante para desgostá-lo, para entibiá-lo no amor de um povo tão indigno de seus favores.

Videte qualem charitatem dedit nobis Deus [^19]: vede, homens ingratos, vede o amor que o Pai celestial nos mostrou neste adorável mistério, querendo que nos chamássemos e que efetivamente fôssemos filhos seus, povo querido do homem Deus, seus co-herdeiros e seus irmãos. Não pôde o Verbo divino tomar carne humana sem contrair com os homens a afinidade mais estreita. Um Deus que se humilha, por dizê-lo assim, até aniquilar-se; fazendo-se menino, sujeitando-se a todas as

misérias naturais dos meninos; e isto por amor dos homens! Cremos esta maravilha? E nos faz muita impressão este inefável benefício?

Ah, Senhor, não, não me admiram já vossos abatimentos nem todas as maravilhas que obrais neste inefável mistério. Embora sejam incompreensíveis ao entendimento humano, a mesma razão me dita que vossos fins, que vossas ideias são muito superiores a quanto ela pode alcançar. O que me assombra, o que realmente transtorna minha mesma razão, é que os homens creiam este mistério e não vos amem. E ainda depois destas reflexões, não serei eu também deste número?

Segundo ponto

Considera que, se nosso amor e nosso reconhecimento a este homem Deus devem ser sumos, qual deverá ser nossa confiança, nossa veneração e nossa ternura a sua santíssima Mãe? Pode ser elevada a mais alta dignidade uma pura criatura? Há coisa criada, há celestiais inteligências que não sejam inferiores à Rainha dos homens e dos anjos?

Mas no que mais interessamos todos é em que, se seu poder iguala sua dignidade, a ternura com que nos olha é igual a seu poder. Começou a ser mãe de misericórdia desde que começou a ser mãe de Deus; pois com que caridade volta seus piedosos olhos para os pecadores! Que liberal é para com todos os que a invocam! Ó meu Deus, e quanto deve consolar-nos esta verdade!

Sabemos que somente Jesus Cristo redimiu o mundo com seu sangue, mas não podemos ignorar que aquele sangue precioso que derramou foi formado da mesma substância de Maria; e por conseguinte que Maria franqueou, ofereceu, entregou por nós aquele sangue que serviu para nosso resgate. Nisto se funda a Igreja para dar-lhe o título de medianeira e reparadora dos homens. Como Maria tem tanto interesse, tanta parte na ventura dos que se salvam, não pode olhar a sangue-frio a desgraça dos que se perdem. Qual deve ser nossa devoção à mãe de Deus, que é ao mesmo tempo mãe nossa! Qual deve ser nosso religioso culto, qual nossa confiança na que é *vita, dulcedo, et spes nostra*! Ela é para nós fonte de vida nesta região de morte; é todo o nosso consolo neste vale de lágrimas; é toda a nossa esperança em meio de todos os perigos até o fim dos séculos. Rabie e espume de raiva a heresia, que a Igreja sempre aclamará, sempre saudará esta Senhora com estes augustos títulos, tão cheios de consolo como de majestade. E com semelhante protetora, com tal mãe, será possível que vivamos pobres e necessitados de bens espirituais? Será possível que desmaiemos no caminho da salvação? Que tenhamos a desgraça de descaminhar-nos e de perder-nos? A quem se deverá lançar a culpa?

Pois, neste grande dia em que Maria é declarada Mãe de Deus, tributemos-lhe os cultos que merece; arrojemo-nos aos pés de seus altares e juremos-lhe uma fidelidade inviolável, renovando-lhe o protesto da mais reverente, da mais perfeita escravidão.

Isto é o que faço desde este mesmo momento, ó Mãe de Deus, ó Virgem santíssima. Coberto de confusão e partido o coração de uma viva dor, de um amargo arrependimento por haver correspondido tão mal até aqui a vossas excessivas misericórdias, venho cheio de nova e mais animosa confiança implorar vossa poderosa proteção junto a vosso amantíssimo Filho e oferecer-

me para sempre por perpétuo escravo vosso. Sede minha mãe e alcançai-me a graça de que hei mister para adquirir as virtudes que caracterizam os que são vossos filhos verdadeiros.

Jaculatórias

> *Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix.*

Rogai por nós, santa Mãe de Deus.

> *Vita, dulcedo, et spes nostra, salve.*

Deus vos salve, vida, doçura e esperança nossa.

Propósitos

1. De todas as orações que a Igreja dirige à santíssima Virgem, a mais agradável a esta Senhora e a mais proveitosa para nós é a saudação angélica, que comumente chamamos a Ave-Maria. O autor desta oração em todo o rigor foi o Espírito Santo, porque só contém as palavras que usou o anjo quando lhe anunciou o mistério da encarnação, as que disse Santa Isabel no dia da visitação e a oração que fez toda a Igreja congregada em Éfeso no dia do triunfo da Mãe de Deus. É esta oração um compêndio das maravilhas que Deus obrou em seu favor e das grandes mercês que esperamos desta mãe de misericórdia. Por isso tem sido sempre muito familiar a todos os santos, e a Igreja começa e acaba com ela o ofício divino. É a Ave-Maria, diz o devoto Tomás de Kempis, terror dos espíritos de trevas, e sempre foi a oração mais estimada de todos os santos. Santo Atanásio, no sermão que fez da Mãe de Deus, diz que todas as hierarquias celestiais repetem sem cessar no céu esta saudação angélica. Por isso mesmo a chama Santo Efrém o cântico dos anjos; e São João Damasceno acrescenta que basta rezá-la para encher-se a alma de consolo. Os hereges não são deste parecer. Sendo a saudação angélica tão gloriosa à Mãe de Deus, tão agradável ao Senhor e tão proveitosa aos fiéis, não podia ser de seu gosto. O inferno a olha com horror e é formidável aos demônios: pois como podiam deixar de reprová-la os inimigos da Igreja! Sempre que rezo a Ave-Maria (diz São Francisco em seus Opúsculos), os anjos e os santos se regozijam no céu e os justos na terra; o inferno brama e os demônios fogem. Assim como a cera se derrete com o fogo, assim os malignos espíritos se dissipam à invocação do nome de Maria. Seja, pois, de hoje em diante a Ave-Maria tua oração de todos os dias e de todas as horas. Será uma prática muito útil rezá-la sempre que ouvires o relógio. As pessoas fervorosas que de tudo se aproveitam para caminhar ao céu costumam dar princípio a todas as obras que fazem com a Ave-Maria. Ao sair de

casa, ao voltar a ela, no princípio e no fim de todas as orações, ao começar algum negócio, ao deitar-se à noite, ao despertar pela manhã, depois do sinal da cruz, sempre a Ave-Maria; é, diz São Bernardo, uma oração muito própria para alcançar-nos mil bênçãos do céu. Ensina-a a teus filhos e a teus criados; porque, depois das orações de preceito, nenhuma é mais proveitosa, nenhuma mais necessária que esta. O mistério da encarnação que nos recorda; os auxílios necessários para viver uma santa vida e para lograr uma santa morte, que nela se pedem a Deus por intercessão da que é a dispensadora de suas graças; tudo acredita a excelência desta oração e tudo convence de sua grande utilidade. Mas tem cuidado de rezá-la com aquela atenção, com aquele respeito, com aquela devoção que se requerem. Comumente se fazem sem fruto as orações que se repetem com frequência, porque se faz costume de rezá-las sem atenção e sem gosto. Corrige este defeito e nunca rezes a Ave-Maria sem fazer reflexão de que com ela saúdas a Rainha do céu e da terra e de que imploras sua proteção como refúgio de pecadores.

2. A Ave-Maria é uma oração à santíssima Virgem que se reza regularmente três vezes ao dia, quando toca o sino para advertir aos fiéis que cumpram este dever de gratidão e de religião. É uma das práticas mais antigas e mais indispensáveis. Sendo o mistério da encarnação a origem de todos os demais e o princípio de nossa salvação, quer a Igreja que seus filhos unam suas vozes e seus afetos três vezes ao dia para dar graças ao Pai das misericórdias por este insigne benefício; e em cada uma delas se rezam três Ave-Marias, em reverência das três pessoas da santíssima Trindade, por haverem concorrido todas três de modo particular a este inefável mistério, e se dirigem as orações à santíssima Virgem por haver-se obrado o mistério em suas puríssimas entranhas. Antes da primeira Ave-Maria dizem-se estas palavras da Igreja: *Angelus Domini nuntiavit Mariæ, et concepit de Spiritu Sancto*: O anjo do Senhor anunciou a Maria que seria Mãe de Deus, e concebeu por obra do Espírito Santo; nas quais se compreende toda a economia do mistério da encarnação, no mesmo ponto em que o anjo o anunciou à Virgem. Antes da segunda Ave-Maria dizem-se aquelas palavras da mesma Virgem: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum*: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra; com as quais deu seu consentimento, que na ordem da divina Providência era condição precisa para o cumprimento do mistério. Antes da terceira Ave-Maria dizem-se aquelas palavras do Evangelho: *Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis*: E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; as quais explicam a encarnação do Verbo divino. Não é esta uma oração de mera devoção, é uma oração de preceito, e por isso é que em toda a cristandade a Igreja faz avisar cada vez os fiéis. Que culpa nos que se dispensam de cumpri-la! Quantos hoje em dia parecem envergonhar-se de praticar este ato de religião! Isto prova a pouca religião que se acha entre as gentes do mundo. Impõe-te desde hoje uma severa lei de não faltar jamais a tão justa obrigação. Acaba sempre o oferecimento de obras pela manhã com as Ave-Marias. Se ao meio-dia não ouvires o sino, ou no lugar onde estás não se costumar tocar às orações naquela hora, fixa o santo costume de rezá-las ou no princípio ou no fim da refeição. E enfim, se não as ouvires ao anoitecer, reza-as depois de posto o sol. Antigamente se chamava, e ainda hoje se chama em algumas partes, ao toque das orações o perdão, pelas muitas indulgências que estão concedidas aos que as rezam. Sabendo bem os sumos pontífices quão agradável é ao Senhor esta oração e quão proveitosa aos fiéis, derramaram abundantemente os tesouros da Igreja em favor dos que têm costume de rezá-la com devoção e com respeito. Urbano II, como já se disse, achando-se no concílio de Clermont, ao qual presidiu em pessoa no ano de 1094, mandou que se tocasse às orações todos os dias. João XXII, estando em Avinhão, concedeu vinte dias de indulgência aos que as rezassem; Calisto III aumentou o número

para aumentar a devoção. Paulo III concedeu ainda mais amplas indulgências. Alexandre VII concedeu indulgência plenária aos missionários da Companhia de Jesus; e Clemente X, por instância do rei cristianíssimo, para estender a toda a Igreja esta graça, concedeu, primeiro, dez anos de indulgência todas as vezes que se rezarem as Ave-Marias; segundo, indulgência plenária aos que por espaço de um mês as rezarem três vezes cada dia, confessando e comungando em qualquer dia que elegerem do mês seguinte; terceiro, o mesmo papa concedeu indulgência plenária para a hora da morte aos que tiverem tido costume de praticar esta devoção em vida. Serão necessários mais motivos para observá-la daqui em diante com a maior exatidão? Mas guarda-te bem de fazê-lo com indevoção e com tibieza. Nunca rezes as orações com precipitação; reza-as sempre com atenção devota; e por um ridículo respeito humano, por uma néscia vergonha, nunca deixes de ser e de parecer cristão.

[^1]: 1 Tm 3,16 (o OCR traz “cap. 5”). [^2]: Santo Agostinho; a referência não aparece no texto reconhecido pelo OCR. [^3]: Jo 1,14. [^4]: Hom. 1. [^5]: *De Divin. Gen.* (o OCR traz “(5)” em vez de “(3)”). [^6]: Serm. de Annunt. Mar. [^7]: São João Crisóstomo; a referência não aparece no texto reconhecido pelo OCR. [^8]: Serm. de Nativ. Virg. [^9]: Serm. de Concep. [^10]: Epístola 174. [^11]: Serm. de Annunt. [^12]: Orat. 45 ad Virg. Mar. [^13]: São Boaventura, in Ps. 91. [^14]: Barônio, ad ann. 431 (o OCR traz “131”). [^15]: O OCR traz “456”; o décimo concílio de Toledo realizou-se em 656. [^16]: Hab 3,2 (o OCR traz “Habac. 3”). [^17]: Br 3,38 (o OCR traz “Baruch 5”). [^18]: Is 7,11. [^19]: 1 Jo 3,1.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:23 by Admin